

METADISCURSO EM ENTREVISTA TELEVISIVA: UM ENFOQUE INTERACIONAL

*Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran**

RESUMO

Este artigo destaca a presença, em entrevista televisiva, de uma modalidade de procedimento metadiscursivo: a menção a atividades linguageiras prototípicas desse evento comunicativo. Fundamentando-se em uma concepção pragmática de linguagem como ação verbal entre os participantes envolvidos em um ato comunicativo, centra-se em uma perspectiva interacional, com base na qual a referência às atividades linguageiras processadas durante a entrevista será vista como recurso indiciador das relações interpessoais estabelecidas entre entrevistador e entrevistado. Será focalizada especificamente a incidência do estatuto sócio-institucional dos entrevistados no processo interativo desencadeado ao longo da entrevista.

UM ENFOQUE INTERACIONAL DO METADISCURSO

Os princípios teóricos embaixadores da análise das menções às atividades linguageiras em entrevista televisiva, que pretendemos empreender neste artigo, têm por parâmetro a Proposta Teórica elaborada pelo Grupo de Organização Textual-Interativa, do Projeto de Gramática do Português Falado (Koch et al.). Tal Proposta ressalta que a adoção de uma perspectiva textual-interativa, para a descrição de língua falada, está fundamentada em uma concepção específica de linguagem como atividade de interação verbal, contextualizada no espaço temporal e sócio-histórico em que os interlocutores atuam. Na ação verbal estão, portanto, incorporados o enunciado e suas condições enunciativas, coenvolvendo as relações recíprocas entre locutores e alocutários: como um se situa face ao outro, em função

* Universidade Estadual Paulista – campus de Assis. CNPq.

de suas representações mútuas quanto a papéis sociais, conhecimento partilhado de mundo, atitudes, propósitos e reações assumidas no intercâmbio comunicativo.

De acordo com essa concepção, dilui-se a visão dicotômica entre enunciado e enunciação, já que os dados pragmáticos, por terem papel determinante no processamento verbal, não podem mais ser vistos como entorno ou moldura dentro da qual os falantes se encaixam, ou seja, não são considerados como componentes de um outro plano de estruturação do processo comunicacional, que se soma aos níveis tradicionalmente tidos como lingüísticos. Afastando-se dessa compreensão dos fatores pragmáticos como camada de enunciação que envolve o enunciado, a referida Proposta Teórica sustenta que esses fatores se introjetam no produto verbal de um ato de comunicação, de modo que se observam marcas do processo interacional na própria materialidade lingüística dos textos falados. Nessa linha de pensamento, o texto formulado em uma situação de interlocução verbal é uma entidade sócio-comunicativa, que globaliza o lingüístico-pragmático, na medida em que é o resultado concreto do jogo de atuação interacional, projetado na sua superfície.

No quadro dessa reflexão teórica, os procedimentos de construção textual configuram-se como pistas indicadoras das relações interpessoais que permeiam um evento comunicativo. É nessa ótica que abordaremos um desses procedimentos, o do metadiscurso.

Para definirmos metadiscurso, consideraremos sua propriedade específica de auto-reflexividade: é típico das operações metadiscursivas o movimento que leva o discurso a dobrar-se sobre si mesmo e a firmar-se enquanto discurso para referenciar o próprio “fazer” discursivo (Risso, 1999). Os fragmentos metadiscursivos focalizam o exercício da linguagem, no contexto das atividades de linguagem em curso em uma interação verbal, comportando a característica de discurso e de glosa sobre o discurso no qual estão imersos.

A tomada de elementos discursivos como objeto de referência demonstra que o metadiscurso tem um estatuto diferente em relação às proposições articuladoras da estrutura informacional do texto. Enquanto estas atuam imediatamente no plano ideacional, os enunciados metadiscursivos operam efetivamente no âmbito da atividade enunciativa. Afirmar essa diferença não significa restabelecer a dicotomia enunciado-enunciação, visto que, seguindo o princípio da inerência do pragmático no lingüístico acima exposto, ressaltamos que tal diferença não pressupõe um desvinculamento dos segmentos metadiscursivos do cotexto onde se situam. Isto porque o metadiscurso tem papel importante no estabelecimento da significação de base informacional, ao promover a ancoragem dos enunciados ideacionais no espaço discursivo que os gerou e lhes atribui sentido. Desse modo, o metadiscurso desempenha uma função acentuadamente pragmática, instituindo-se como um dos procedimentos pelos quais a atividade interacional se explicita no texto.

A MENÇÃO A ATIVIDADES LINGUAGEIRAS EM ENTREVISTA TELEVISIVA

O propósito deste artigo é exatamente o de demonstrar como procedimentos metadiscursivos presentes em entrevista televisiva tornam evidentes as relações interacionais atualizadas entre os seus participantes. Restringiremos nossa abordagem a apenas uma modalidade de metadiscursividade, que é a menção a atividades languageiras. Dado que a entrevista assenta-se basicamente nos atos de pergunta e resposta, daremos destaque a esses atos prototípicos, verificando como são designados e qualificados, num processo de auto-referenciação do discurso.

Selecionamos, para a análise dos dados, duas entrevistas do Programa “Roda Viva”, da TV Cultura-SP: a realizada com João Pedro Stédile (JPS), líder do MST, em 25 de agosto de 1997 e a com Fernando Henrique Cardoso (FHC), Presidente da República, em 26 de abril de 1999. A escolha dessas entrevistas baseou-se no fato de que queríamos averiguar se o estatuto institucional de que esses entrevistados são revestidos interferia no processo comunicativo-interacional desencadeado na cena da entrevista.

Para concretizarmos esses propósitos, é indispensável traçarmos o quadro situacional em que as entrevistas se desenvolvem, já que ele condiciona o plano comunicacional, instituindo os lugares e papéis discursivos dos interlocutores. (Charaudeau, 1991)

Focalizando a entrevista de modo geral, como um tipo específico de interlocução verbal, constatamos que ela configura uma situação ritualizada, decorrente de um quadro pré-construído, assentado em um contrato comunicacional previamente firmado, que define: a) a figura do entrevistador, pela função de provocar a fala do convidado para a entrevista, instando-o a discorrer sobre os tópicos que seleciona do contexto de conhecimentos motivador da escolha do entrevistado; b) a figura do entrevistado, a quem compete responder as questões que lhe são formuladas, explicando, testemunhando e manifestando suas avaliações sobre o tema. Não se descarta, entretanto, a possibilidade de ruptura dessa ritualização, por força da dinamicidade instaurada pelos participantes, no curso de suas intervenções.

Focalizando particularmente as duas entrevistas integrantes de nosso *corpus*, podemos dizer que elas efetivamente se instalam nesse contexto ritualizado, porém sua progressão se dá com grau maior de dinamicidade e acentuados desvios do contrato comunicacional na entrevista de Stédile, e com grau menor de dinamicidade e maior respeito às convenções contratuais na entrevista de FHC.

Antes de demonstrarmos esses fatos, importa salientar que a entrevista de Stédile realizou-se no conhecido formato de “Roda Viva”: no estúdio da TV Cultura, o entrevistado em uma cadeira rotativa no centro de um círculo, em torno do qual se dispõem os entrevistadores e o Coordenador, no caso Matinas Suzuqui. Já a entre-

vista de FHC foge totalmente desse formato, uma vez que teve lugar no Palácio do Planalto, com uma configuração espacial que nega a metáfora “roda” do título do programa: em volta de um tapete retangular, o entrevistado ocupa uma ponta de um dos lados menores do retângulo, tendo o Coordenador, Paulo Markun, em diagonal no lado oposto. Os entrevistadores estão separados em grupo de três, em cada uma das laterais maiores do retângulo. Apesar dessa disposição não circular no espaço, o Coordenador inicia o programa com o seu clichê de abertura: *Quem está no centro do “Roda Viva” esta noite é o Presidente Fernando Henrique Cardoso.*

Essas diferenças proxêmicas conjugam-se evidentemente com as diferenças de prestígio social existentes entre os dois entrevistados, constituindo-se como indicadores iniciais de comportamentos interativos e comunicacionais distintos da parte dos entrevistadores em relação a cada um dos entrevistados. Com essas observações, queremos dizer que há o entrelaçamento de um conjunto de fatores, de ordem situacional e institucional, atuando no plano comunicacional, de modo que o evento comunicativo não se reduz à sua expressão verbal.

Assim, ainda que recortemos para a nossa análise o estrato verbal, não o consideraremos de forma desvinculada desses dados contextualizadores, uma vez que eles se projetam no processo formulativo-interacional de co-construção do produto verbal da entrevista.

Apresentaremos, a seguir, uma amostragem de dados coletados no *corpus*, recortando inicialmente segmentos de cada uma das entrevistas, para um comentário mais detalhado. Posteriormente, procederemos a um contraponto entre as duas entrevistas, enumerando conjuntos de fatos metadiscursivos que patenteiam a natureza das relações comunicativo-interacionais ativadas ao longo da interlocução entre entrevistadores e entrevistado.

O primeiro segmento é retirado da entrevista com Stédile,¹ que versou sobre o tema “Reforma Agrária”. Durante a sua realização, desencadeou-se um embate entre duas concepções diferentes de Reforma Agrária, que polarizou, de um lado, o entrevistado e, de outro, a bancada dos entrevistadores, em bloco. Na perspectiva do entrevistado, que representa a voz do MST, visto que comparece à entrevista no papel de líder desse Movimento, a Reforma Agrária implica uma reestruturação na essência da política agrícola, diretamente vinculada a questões mais amplas, de cunho sócio-político-econômico. Do ponto de vista dos entrevistadores, a Reforma Agrária é concebida de forma pontual, circunscrita ao problema do assentamento

¹ A bancada de entrevistadores foi constituída predominantemente por profissionais atuantes na mídia: Paulo Henrique Amorim (PHA), da TV Bandeirantes; Josias de Souza (JS), da *Folha de S. Paulo*; Fernando Mitre (FM), do *Jornal da Tarde*; Paulo Markun (PM), da Rede Globo. Havia mais duas autoridades sem qualquer afinidade ideológica com o MST: Luís Hafers (LH), Presidente da Sociedade Rural Brasileira e Francisco Graziano Neto (FGN), ex-presidente do Incria e Secretário da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

dos “Sem Terra” (Jubran, 1999). Fundada nesse confronto de opiniões divergentes, a interação em cena promove um movimento de argumentação e contra-argumentação típico de situação discursiva conflituosa (Aquino, 1997).² Nesse caso, a dinâmica das intervenções preponderou sobre o caráter ritualizado da entrevista, acarretando muitas vezes o rompimento de regras previstas pelo contrato comunicacional dessa modalidade de intercâmbio verbal, como a inversão dos papéis discursivos de entrevistado e entrevistador, as constantes sobreposições de vozes e assaltos ao turno do entrevistado.

O segmento abaixo dá mostras dessas rupturas do rito da entrevista:

- (1) FM – *Senhor Stédile, então vamos tentar **discutir** alguns pontos. O senhor **disse** que o MST quer claramente uma mudança de estrutura fundiária quer dizer não é apenas uma reforma agrária é uma mudança de estrutura fundiária*
 JPS – *É verdade!*
 FM – *Mas não se contenta com isso! Quer também uma série de mudanças sociais. Então aí o senhor poderia **enumerar** algumas mudanças sociais, **mesmo que seja em termos genéricos**, que aí nós vamos ter uma idéia de pra onde o MST*
 [
 JPS – *Claro! com muito gosto!*
 [
 FM – *o MST realmente quer ir*
 JPS – *Primeira mudança social: tem que acabar com essa concentração da propriedade da terra, não? por que que o sujeito no Brasil tem que ter cem mil hectares, duzentos mil hectares da terra? Tem que estabelecer limite*
 ((fala incompreensível de um entrevistador))
 JPS – *Qualquer fazendeiro/ eu me imagino que aqui pela realidade brasileira sujeito com mil hectares pode ficar/ viver muito bem, ficar rico e produzir (diante dos padrões)*
 FM – *uma agro-indústria uma agro-indústria moderna*
 ((várias superposições incompreensíveis))
 MS – *(Vamos) **debater**, mas, por favor, um de cada vez, senão o telespectador em casa não vai entender o que **está sendo dito** aqui*
 [
 FM – *É verdade! Eu só queria **completar***
 [
 MS – *Teremos tempo para todos*
 FM – *É ()*
 JPS – *Ele **pergunta e responde**, não é? ((ri))*
 FM – *Não! Não! Não, pelo contrário, eu quero ()*
 JPS – *Você me **perguntou** quais são as medidas. Eu **começo responder** uma tu já diz que*
 FM – *Não, eu só **acrescentaria uma pequena pergunta***

² Aquino (1997, p. 117) entende por conflito a situação discursiva “em que se observa desentendimento entre as idéias que estão sendo desenvolvidas pelos interlocutores; em que ocorre uma disputa entre as idéias e os argumentos apresentados por eles”.

Nesse trecho negritamos os fatos metadiscursivos que se referem às atividades linguageiras em andamento na entrevista, assumindo as funções que passamos a explicitar.

A primeira é a de patentear o estatuto discursivo do entrevistador de requisitar informações do entrevistado, o que se manifesta, nas próprias falas dos entrevistadores, por:

- (a) menção ao seu papel prototípico de perguntar, evidente no enunciado: *eu só acrescentaria uma pequena **pergunta***;
- (b) uma forma específica de solicitação da resposta do entrevistado, que define previamente a natureza do ato verbal a ser desempenhado por ele: *o senhor poderia **enumerar** algumas mudanças sociais*. O uso do verbo **enumerar**, além de marcar a função do entrevistador de fazer o entrevistado falar sobre o assunto que escolhe, prescreve uma resposta elaborada em itens, predeterminando a atividade linguageira esperada do entrevistado;
- (c) estabelecimento do teor de não detalhamento do tópico discursivo proposto pelo entrevistador, que a resposta deve assumir: *o senhor poderia enumerar algumas mudanças sociais, mesmo que seja **em termos genéricos***. Assim como o verbo **enumerar**, o sintagma preposicional aqui negritado comanda a formulação da resposta, por definir com que grau de abrangência deve ser desenvolvido, pelo entrevistado, o assunto objeto da pergunta;
- (d) qualificação da modalidade de relação comunicacional que o entrevistador quer estabelecer com o entrevistado: *Senhor Stédile, vamos tentar **discutir** alguns pontos*. O fato de essa relação comunicativa ser colocada em termos de discussão desloca a função típica do entrevistador, já que o foco da interação recai não mais na obtenção e sim na contestação de informações – o que é uma constante nessa entrevista. Nesse sentido, a ocorrência do verbo **discutir** na voz do entrevistador e a do verbo **debater**, em um segmento da fala do Coordenador, apontam para o contraponto de posições entre entrevistadores e entrevistado a respeito da Reforma Agrária.

Uma segunda função de fragmentos metadiscursivos designadores de atividades de linguagem exercidas pelos participantes da entrevista, verificada no trecho (1), é a de confirmar o papel do Coordenador de administrar o “debate”, gerenciando a concessão de turnos, a fim de evitar sobreposição de falas e garantir o bom andamento da entrevista: *Vamos debater, mas, por favor, um de cada vez, senão o telespectador em casa não vai entender o que está sendo dito aqui ... Teremos tempo para todos*. A necessidade de o Coordenador entrar em cena para exercer a função a ele estipulada

pelas regras contratuais da entrevista, no sentido de reinstaurar normas para propiciar a intercompreensão (*falar um de cada vez*), dá mostras da dinamicidade dessa entrevista, decorrente da característica de discussão de opiniões contrapostas, que levou a uma relação interacional polêmica.

A terceira função do metadiscurso presente no trecho sob análise é a de marcar o rompimento da regra do contrato comunicacional que estabelece as atividades verbais prototípicas dos participantes da entrevista – a de perguntar para o entrevistador e a de responder para o entrevistado. Esse rompimento é denunciado pelo entrevistado, que assim comenta os atos discursivos do entrevistador com o qual estava dialogando no momento: *Ele pergunta e responde, não é?*. Com esse comentário, Stédile manifesta estranheza face a essa situação anômala na entrevista, de o entrevistador assumir simultaneamente a sua função e a do entrevistado. A menção desses dois atos – *perguntar e responder* –, conjugados na figura do entrevistador, evidencia a sua invasão no papel discursivo do entrevistado.

Quarta e última função de referências a atividades linguageiras, que merece destaque no segmento (1), é assinalar a ruptura de uma outra regra contratual da entrevista – a de autorização ou tomada da palavra, regulamentada pelo acordo de “falar um de cada vez”, como bem o lembra o Coordenador, na intervenção acima comentada. O rompimento dessa norma se dá pelo assalto ao turno do entrevistado, antes de ele completar a sua resposta, levando-o a registrar esse fato: *Você me perguntou quais são as medidas. Eu começo responder uma tu já me diz que*. Reaparecem aqui os verbos *perguntar* e *responder*, que referenciam respectivamente as atividades discursivas específicas do entrevistador e do entrevistado. No contexto no qual ocorrem, eles indiciam o desrespeito ao turno do entrevistado, que, tendo sido instado a *enumerar* mudanças sociais defendidas pelo MST, foi interrompido enquanto discorria sobre a primeira delas, pelo próprio entrevistador que lhe fez essa solicitação.

Em síntese, os comentários deste trecho da entrevista de Stédile mostram que a funcionalidade dos procedimentos metadiscursivos focalizadores dos atos de fala nela processados revela uma tendência, observável em todo o evento, de desvios do quadro ritualizado da entrevista.

Situação totalmente diversa é encontrada na entrevista com FHC.³ Ela foi realizada no auge da crise instalada no setor econômico do governo, com os resultados da CPI dos Bancos, que levaram à desonrosa saída de Francisco Lopes da Presidência do Banco Central e a uma conseqüente queda do prestígio de FHC. Embora

³ A bancada de entrevistadores foi formada por jornalistas de signitiva projeção: Neval Pereira (NP), diretor de redação do jornal *O Globo*; Antonio Pimenta (AP), diretor de redação do jornal *O Estado de S. Paulo*; Luís Nassif (LN), colunista da *Folha de S. Paulo* e diretor superintendente da agência Dinheiro Vivo; Dora Kramer (DK), colunista de política do *Jornal do Brasil*; Marco Antonio Coelho Filho (MACF), diretor de jornalismo da TV Cultura de São Paulo e Ricardo Noblat (RN), diretor de redação do jornal *Correio Braziliense*.

os entrevistadores tenham por várias vezes argüido a responsabilidade do Presidente da República na provocação dessa crise, gerando momentos mais conflituosos na interação, o cumprimento do contrato comunicacional da entrevista predominou durante a maior parte do tempo. São raras as sobreposições de vozes e cortes da fala do entrevistado, que teve, desse modo, seus turnos devidamente respeitados:

(2) MACF – *Essa questão essa questão do crescimento, da globalização, que o senhor coloca, que o senhor*

FHC – *Isso.*

MACF – ***expõe com toda a clareza** me leva à seguinte preocupação. Quer dizer, na verdade estamos todos globalizados, numa política em que precisamos enxergar os outros. Agora, o senhor não acha que isso pode prejudicar, prejudicar a nossa democracia, na medida em que hoje o tempo da democracia é suplantado pelo tempo do mercado. O Itamar fala uma coisa, Hong Kong manda matar, condena o Itamar imediatamente. Quer dizer, antes mesmo da resposta política, antes mesmo da conversa política. Quer dizer, a política está sendo matada/ o tempo da política está sendo matado pelo tempo do mercado, o mercado globalizado. Isso não atrapalha a nossa democracia? Como é que a gente ()*

[
FHC – *A nossa e a de todo o mundo. A nossa e a de todo o mundo. Eu acho que realmente esse é um tema de reflexão para quem vai pensar sobre filosofia política e sobre como resolver isso, porque efetivamente com tudo em tempo em tempo real e sem/ muito fragmentada a informação, sem que haja quase referências, não é? Isso dificulta muito a compreensão por parte da população do que está acontecendo*

PM – *A propósito*

FHC – *e até do próprio Congresso e do Executivo.*

MACF – *Pois é*

FHC – *É verdade isso.*

PM – *A propósito, Presidente, eu queria exibir uma **pergunta** do jornalista Lucas Mendes, do correspondente Lucas Mendes, que é exatamente sobre esse tema.*

Esse segmento é representativo do esquema comunicativo-interacional preponderante na entrevista de FHC, na medida em que evidencia a manutenção dos longos turnos tanto do entrevistador quanto do entrevistado. Há apenas uma tentativa de ingerência do Coordenador na fala de FHC, que não chega propriamente a afetar sua continuidade, já que Paulo Markun permite ao entrevistado a complementação de sua resposta, só voltando à cena após o término do turno de FHC. Nesse trecho, assim como em toda a entrevista, são poucas as marcas de metadiscursividade referentes às atividades discursivas em processo, provavelmente porque as convenções que as norteiam já estão previamente assumidas pelos interlocutores. Observamos em (2) somente dois segmentos em que as ações languageiras são focalizadas: uma referência do entrevistador a atos discursivos anteriores do entrevistado, inclusive acompanhada de uma avaliação elogiosa (*Essa questão essa questão que o senhor coloca, que o senhor **expõe com toda a clareza***), e uma nomeação da atividade

específica do entrevistador, através do uso da palavra **pergunta**, no momento em que o Coordenador introduz um vídeo exibindo um entrevistador externo ao programa, Lucas Mendes (*A propósito, Presidente, eu queria exibir uma pergunta do jornalista Lucas Mendes, do correspondente Lucas Mendes, que é exatamente sobre esse tema*). Um fato constante na entrevista de FHC é que, em todas as referências às suas atividades linguageiras, os entrevistadores, bem como o Coordenador, invariavelmente empregaram a forma nominal **pergunta** (17 ocorrências) ou a verbal **perguntar** (4 ocorrências), consubstanciando o ato de fala convencional a eles prescrito pelas regras contratuais de entrevista.

O entrevistado, por sua vez, igualmente referiu-se às suas atividades verbais por meio de verbos que tipificam seu papel discursivo de prestar informações dele requeridas pelos entrevistadores, como **responder** e **explicar**, e de verbos que, embora sejam mais neutros para indiciar a modalidade de ato de fala prevista para o entrevistado, acabam assumindo essa função, no seu contexto de ocorrência, como **falar** e **dizer**. FHC também aludiu ao seu desempenho verbal com a expressão **dar depoimento**, referenciadora e qualificadora de uma das funções essenciais da figura do entrevistado, a de testemunhar fatos sobre os quais é argüido, apresentando-lhes dados comprovadores (*posso dar um depoimento; até eu eu não tinha pensado que pudesse falar quase depoimentos para o registro dos fatos*).

A única ocorrência de menção a uma atividade discursiva que poderia suscitar uma conotação de debate foi a do verbo **discutir**, registrada na fala do entrevistado, no trecho (3), abaixo. No entanto, com esse verbo, FHC qualifica, segundo seu ponto de vista, a natureza das relações interativo-comunicacionais entre o Presidente e a sociedade, que ele quer passar ao público, como evidência de uma conduta democrática: a ação de debater publicamente seu governo, através da mídia. Extrapolando os limites internos da cena da entrevista e dela se utilizando como intermediária propícia ao contato com os telespectadores, FHC, ao nomear a atividade de linguagem **discutir**, atribui-lhe forte carga argumentativa, na defesa de uma imagem positiva de Presidente democrata, sempre aberto ao diálogo como povo:

- (3) FHC – *o Brasil avançou bastante. E sabe eu acho que eu tenho duas dois marcos da mudança do Brasil, que para mim são mais importantes do que a economia. Um é a democracia. Inclusive CPI. Um é a democracia. A capacidade que nós hoje temos de discutir com o Presidente da República, ((dirigindo-se diretamente aos telespectadores)) aqui, exposto de coração aberto ao país, ao telespectador, com muita alegria, vocês todos não sei o que vão me perguntar, respondo abertamente.*

Dentre as poucas exceções à ritualização da entrevista, na edição de “Roda Viva” com FHC, registramos, no comportamento verbal-interativo dos entrevistadores em relação ao entrevistado, a seguinte ruptura, manifestada pelo recurso meta-discursivo de auto-referência e qualificação da ação linguageira praticada pelo entre-

vistador:

- (4) RN – *Presidente, desculpe **interrompê-lo**, o senhor citou aí vários exemplos do Brasil arcaico que se quer combater e que se quer vencer. O senhor não acha – e não tenha isso como **provocação***
 FHC – *Quem sabe?* ((risos))
 RN – *O senhor não acha que é um exemplo de Brasil arcaico é no início de seu governo usar um avião da FAB para ir com a família passar o carnaval na Ilha de Fernando de Noronha?*

O assalto ao turno de FHC, que rompe a norma intercomunicacional de tomada da palavra somente quando ela tenha sido concedida ou propiciada na interação, é focalizado e verbalizado pelo entrevistador (*Presidente, desculpe interrompê-lo*), e realizado de forma polida, com pedido antecipado de desculpas – o que demonstra deferência e respeito pela figura do entrevistado. Já o possível rompimento do ritual comportamental da entrevista, que poderia ser criado por uma atitude provocativa do entrevistador ao citar um fato desabonador para o governo de FHC, é descartado pelo entrevistador que toma o turno, pela sua estratégia de inserir um parêntese na pergunta em processamento, no ponto imediatamente anterior ao foco de sua intervenção (*e não tenha isso como **provocação***). Esse parêntese materializa uma defesa da face do entrevistador, que nomeia e qualifica a provável interpretação de seu ato de fala como desrespeitoso, para afastá-la. Interacionalmente, esse procedimento metadiscursivo funciona como preservação tanto da face do entrevistador quanto da do entrevistado, porque tem o propósito de anular previamente quaisquer conotações de relação conflituosa que pudesse ser estabelecida entre eles.

Em resumo, a análise global das menções a atividades languageiras na entrevista de FHC mostra efetivamente uma dominância do cumprimento das regras contratuais da entrevista.

A comparação entre as análises das duas entrevistas – de que aqui apresentamos uma rápida amostragem – evidencia uma grande diferença do desempenho comunicativo-interacional dos entrevistadores relativamente a cada um dos entrevistados. Retomando dados dos comentários aos trechos destacados, com o acréscimo de outros exemplos de menção às atividades discursivas básicas de uma entrevista, constatamos os fatos que passamos a enumerar.

1. Na entrevista de Stédile, os entrevistadores deflagram, como dissemos, uma interação conflituosa de contestação das concepções do entrevistado sobre Reforma Agrária, nomeando-a pelas formas verbais *discutir e debater*. Quando se referem ao seu papel discursivo específico de formulação de perguntas, geralmente o fazem de forma incisiva, com qualificações de seu ato, que evocam pertinência ou propriedade de suas falas: PHA – *como formulou **apropriadamente** o meu colega Matinas*; PHA –

e a minha pergunta concretamente é a seguinte; PHA – mas, senhor Stédile, a minha pergunta é clara; PHA – então, me permita reformular minha pergunta de outra maneira; JS – eu pergunto de uma forma mais objetiva; FM – mas a pergunta é outra; JS – Não é uma provocação! É uma pergunta séria(...) isso é uma pergunta séria(...) é uma pergunta como outra qualquer; JS – me ocorreu perguntar eu vou explicar direito pro senhor não dizer que é provocação, (é) uma pergunta. Na entrevista de FHC, os entrevistadores, ainda que provoquem um questionamento, em certos pontos acirrado, de decisões e medidas governamentais, mantêm sempre uma interação dentro dos padrões rituais, restringindo-se a praticar a sua atividade linguageira prototípica, que é designada predominantemente pela expressão verbal *perguntar* ou nominal *pergunta*, sem a adição de qualificações: PM – *Presidente, eu só queria que a gente voltasse aos termos da pergunta do Pimenta; DK – eu queria fazer logo três perguntas de uma vez (...) falta uma pergunta minha sobre o Ministro Malan; RN – mas eu lhe pergunto o seguinte; LN – eu queria queria fazer uma pergunta para o sociólogo Fernando Henrique Cardoso.* É na fala do entrevistado FHC que ocorre, como vimos em (3), a menção ao verbo *discutir*, que não desencadeia alteração do esquema convencional preponderante nessa entrevista.

2. Na entrevista de Stédile, os entrevistadores assaltam o turno do entrevistado, muitas vezes sobrepondo suas vozes, sem nenhuma referência à interrupção da fala de Stédile ou pedido de desculpas por esse ato. É o entrevistado JPS que aponta o corte de sua palavra, por meio de enunciados metadiscursivos como: *Você me perguntou quais são as medidas, eu começo a responder uma tu já diz que; deixa eu terminar a historinha; vou chegar lá (...) eu vou chegar lá (...) mas eu vou chegar lá, tá bom! (...) não, mas vocês não me deixam responder; não! deixa eu terminar; só um pouquinho, Hafers; só terminar porque a pergunta dele era era era complexa.* Já na entrevista de FHC, são poucos os sombreamentos e interrupções de seu turno. Lembramos aqui que o corte verificado no segmento (4) é anunciado pelo entrevistador, que se desculpa pela interferência na fala do entrevistado: RN – *Presidente, desculpe interrompê-lo.*
3. Na entrevista de Stédile, os entrevistadores chegam a pré-estabelecer a natureza da resposta, muitas vezes recorrendo a uma fala de Stédile, para pontualizar detalhes e questioná-los. Essas atitudes manifestam-se através de procedimentos metadiscursivos como: FM – *o senhor poderia enumerar alguns pontos, mesmo que seja em termos genéricos; JS – Senhor Stédile, o senhor pode explicar melhor essa frase; MS – Stédile, posso*

fazer uma pergunta só para entender um pouco essa lógica?; FM – Senhor Stédile, interessante talvez seja o senhor explicar pra nós esse duelo de números absurdo, que deve atordoar um pouco o telespectador. Na entrevista com FHC os entrevistadores, quando montam suas perguntas sobre informações dadas pelo entrevistado, o fazem com o intuito não de questionamento direto e pontual, e sim de crítica velada, conforme vimos em (4), ou de encaminhamento do tópico discursivo em pauta para um item ainda não abordado, segundo constatamos em (2): MACF – *Essa questão essa questão do crescimento, da globalização, que o senhor coloca, que o senhor (...) expõe com toda a clareza me leva à seguinte preocupação....*

4. Na entrevista de Stédile, os entrevistadores invadem a função discursiva do entrevistado, na medida em que respondem suas próprias perguntas – o que é apontado pelo entrevistado JPS em segmentos de teor metadiscursivo: *Ele pergunta e responde, não é?; Até eu acho que vamos trocar de lado: você vem aqui e eu vou te fazer pergunta que tá respondendo melhor que eu.* As referências de Stédile ao seu papel verbal geralmente comportam o emprego do verbo *responder* e ocasionalmente dos verbos *dizer* e *esclarecer*. É importante ressaltar – para que se observem a dinamicidade e os repetidos truncamentos de fala, que tais referências surgem, na maioria das vezes, em momentos de retomada do turno do entrevistado, interrompido por algum entrevistador: *JPS – não, mas vocês não me deixam responder (...) eu vou respondendo. É que a pergunta dele foi muito profunda. E eu acho que é muito é muito simplória pra responder de uma maneira rápida; mas é isso que eu tô te/ começando te dizer antes; é o que eu vou te responder agora; então eu vou esclarecer.* Na entrevista de FHC, estão bem claros e delimitados os papéis discursivos de entrevistador e entrevistado, sem ingerência de um sobre o outro. Se na fala dos entrevistadores suas intervenções são nomeadas, conforme já registramos, exclusivamente pelos termos *perguntar* e *pergunta*, na do entrevistado elas são designadas pelos verbos *responder*, *explicar*, *falar*, *dizer*: *FHC – eu devo dizer a vocês; o que eu acabei de dizer, minha opinião sobre o assunto estou contando aqui estou falando aqui com toda a sinceridade; o que é que eu estou fazendo aqui, estou respondendo coisas que eu não sei nem o que vocês vão perguntar; para responder essas às pessoas que perguntam; não sei o que vão me perguntar, respondo abertamente; eu posso explicar, não vou explicar, já expliquei muitas vezes quais são as razões, não sei e o que e tal.*
5. Na entrevista de Stédile, as atitudes provocativas dos entrevistadores não

são prefaciadas por menções a esse comportamento verbo-interacional, como o são na entrevista de FHC, com o claro intuito de não criar um clima de desavença: RN – *e não tenha isso como provocação* (exemplo 4). Pelo contrário, falas de Stédile são qualificadas de provocação por entrevistadores (*PM – fazer um parêntese para devolver a provocação como jornalista*) ou é o próprio entrevistado JPS que usa tal palavra para designar intervenções de entrevistadores (*Aí virou provocação!; primeiro, deixa eu responder a tua provocação*).

O confronto da análise das duas entrevistas permite concluir que a menção às atividades linguageiras em processo durante o evento desenha quadros comunicativo-interacionais realmente diversos. Na entrevista de Stédile, os desvios da situação ritualizada deixam à mostra uma relação interacional altamente polêmica e um cerceamento do desempenho discursivo do entrevistado. Em consequência, seu estatuto social de líder do MST é atingido, porque os constantes e sucessivos questionamentos dos dados e opiniões expressos por Stédile e a desobediência a normas contratuais que regem a entrevista refletem uma desconsideração do entrevistado e, portanto, do estatuto sócio-institucional de que é investido. Inversamente, na entrevista de FHC, o predomínio do cumprimento das normas contratuais revelam uma interação dentro dos moldes convencionalizados, que preservam o capital verbal do entrevistado. Esses fatos, intensificados pela tendência dos entrevistadores de realizarem suas intervenções de forma polida, descartando conotações negativas de desrespeito, que poderiam ser acionadas pela natureza das perguntas formuladas, mostram uma consideração pelo papel discursivo do entrevistado e, em decorrência, pelo seu estatuto sócio-institucional de Presidente da República, com que ele comparece ao evento.

Constatamos, assim, que a diferença entre os estatutos dos entrevistados incide sobre o plano comunicacional, condicionando o processo interativo desencadeado ao longo das entrevistas. Seguindo o princípio teórico da imersão dos fatores pragmáticos nos enunciados lingüísticos, comprovamos fundamentalmente que as relações interpessoais estabelecidas entre entrevistadores e entrevistado são atualizadas no texto co-produzido por eles durante o programa e que o recurso metadiscursivo de menção às atividades de linguagem que exercem é um acentuado indiciador da modalidade de interação instaurada na cena da entrevista.

ABSTRACT

This paper deals with the metadiscursive procedure referring to speech activities on TV interviews. Based on a pragmatic view of language, such a procedure will be considered as a device which indicates interactional relations between interviewer and interviewed. Focus is particularly brought into the incidence of the interviewed people's socio-institutional role in the interactive process developed along the interview.

Referências bibliográficas

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira. **Conversação e conflito**: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas. São Paulo: USP, 1997. (Tese, Doutorado em Semiótica e Linguística Geral).

CHARAUDEAU, Patrik (Dir.). **La télévision**: les débats culturels "Apostrophes". Paris: Didier, 1991.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. A metadiscursividade como recurso textual-interativo em entrevistas televisivas. In: BARROS, Kazue Saito Monteiro (Org.). **Produção textual**: interação, processamento, variação. Natal: Editora da UFRN, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça et al. Proposta teórica do grupo de organização textual-interativa do Projeto de Gramática do Português Falado. (Mimeogr.)

RISSO, Mercedes Sanfelice. A propriedade auto-reflexiva do metadiscurso. In: BARROS, Kazue Saito Monteiro (Org.). **Produção textual**: interação, processamento e variação. Natal: Editora da UFRN, 1999.